

Fonte:

LEÃO, José Joaquim de Campos (Qorpo Santo). Certa Entidade em Busca de Outra. In: CÉSAR, Guilhermino (org.). *Teatro Completo*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro/Fundação Nacional de Arte, 1980. p. 163-171.

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado por:

Solange L. S. de Jesus – Curitiba/PR

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para mais informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <bibvirt@futuro.usp.br> e saiba como isso é possível.

Certa Entidade em Busca de Outra Qorpo- Santo

Comédia em dois atos

PERSONAGENS:

Velho Brás; *homem sisudo.*

Ferrabrás; *estudante, filho adotivo deste.*

Micaela (Tagarela), *mulher pouco comedida ou respeitável.*

Satanás

ATO PRIMEIRO

BRÁS (*entrando*) – Quem diabo está nesta casa!?! (*muito admirado.*) Por um dos reposteiros vi aqui a Satanás com olhos adiante e pernas atrás! Depois vi Judas Iscariotes, que andava a trotes! Por uma janela, a Micaela abrindo a boca de gamela! Mas o meu rapaz, o meu Ferrabrás; o meu contimpina, que de dia dorme, e de noite maquina! Oh! Esse, nem por sombras me quer aparecer, ou eu pude ver! Bárbaros! Assassinos! Traidores! Que tudo me roubam! Comem como burros; como cavalos; e depois querem que eu trabalhe para sustentá-los! Infames! Poluem a honra das famílias! Divorçam esposos para massacrá-los, e a seu gosto fruírem seus bens! Escravizam em vez de libertarem... Hei de lançar por terra tão indigno governo! Ou não de os governantes e governados terem direitos e deveres, ou nenhum governo durará no poder mais que treze meses! A Nação, cujo espírito será como o de um só homem, - os inutilizará, a todos embrutecendo ou a cabeça fedendo! Ainda não estão satisfeitos estes entes (*a que chamam Governo porque ocupam as posições oficiais*) com os milhões de desgraças que têm ocasionado!?! Querem bilhões, trilhões Assassinos, traidores de sua Pátria! Até onde chegará a vossa perversidade? E até que ponto subirá também, ou a que extensão alcançará a vingança do supremo Arquiteto do Universo!?! Tremei, malvados! A trombeta final não tardará muito a tocar a voz: - Sejam queimados e reduzidos a cinzas!
(*Aparece Satanás.*)

BRÁS – Infeliz! Que fazes aqui?

SATANÁS – Sou Satanás, rei dos infernos, encarregado pelos demônios para destruímos os maus!

BRÁS – Oh! Daí-me um abraço! Sois meu Irmão, meu amigo e companheiro! Estais armado?

SATANÁS – Sim. Trago as armas – do poder e da vingança

BRÁS – Pois sei que eu empunho a espada da justiça; o revólver do direito e o punhal da razão! Combina-se bem com as tuas. Triunfaremos!

SATANÁS – Sem dúvida. Com tais armas, jamais haverá poder que nos possa vencer!

BRÁS – Muito bem! Muito bem! Venha de lá outro abraço! (*Torna a abraçá-lo.*)

MICAELA (*entrando muito apressadamente*) - Oh! Vivam! Os Srs. Juntos! Que bela liga há de fazer Satanás com o velho Brás! Não esperava ver o grande prazer de os encontrar tão amigos; e até abraçados! Que lindos! Modificarão suas idéias!?! Sem dúvida grandes negócios políticos os não juntado... Deus os conserve para felicidade pública e individual. (*apontando para o próprio peito.*)

BRÁS – Sejam bem-vinda, Sra. D. Micaela! Não sabe quanto aprecio a sua presença (*À parte:*) e ainda mais a sua ausência – cá para nós, a quem nenhum malévolo ouve. Que notícias nos traz e o que há de novo pelo seu bairro? O que nos conta finalmente?

MICAELA - Estou muito escandalizada! Sendo eu a mulher menos faladora que há,

houve quem atrevesse-se à audácia de apelidar-me Tagarela: e nesta mesma casa meus ouvidos ouviram suas tão duras palavras!

BRÁS – Sinto profundamente que tão grande infortúnio pesasse tanto sobre a cabeça e o coração de minha muito prezada... Sra. D. Micaela Tagarela!

MICAELA – E o Sr. tãoobém me insulta!? Com efeito, não o esperava!

SATANÁS - Oh! Eu não sabia de tal. Prometo que há de ser vingada, que... a Sra. Bem sabe! Eu não sou peço; e tenho à minha disposição a força e poder necessário para punir todos aqueles que ofendem a quem ninguém ofendeu. Tenho na minha carteira as sentenças para todas espécies de crimes, e fique certa que ao abri-la, hei de puni-la! Isto é, hei de vingá-la!

MICAELA – Muito agradecida, Sr. Satanás! Muito obrigada; eu sou a sua menor, porém mais afetuosa criada! Quer saber a única cousa que me pesa? É que quando o Sr. defende ou castiga sempre lesa! Entretanto sou de algum modo forçada a aceitar o seu tão importante oferecimento!

BRÁS (*chegando-se e apalpando os peitos de Tagarela*)- Que pomos deliciosos!

MICAELA – Oh! Sr. Brás! Queira retire-se da minha presença! O Sr. bem sabe que eu não sou dessas mulheres mundanas, para com as quais se procede de tal modo!

BRÁS – Desculpe-me, Sra. Tagarela! Pareceu-me – duas lindas laranjas; é por isso que quis tocá-los.

MICAELA – Pois não continue a Ter desses enganos, porque podem Ter más conseqüências!

SATANÁS – Sim! Sim! (*À parte:*)Penso que são conhecidos há muito! É talvez minha presença que os está incomodando! Retiro-me portanto. (*Vai saindo; Brás o agarra.*)

BRÁS – Onde vai? Aonde vai? Somos companheiros; e se não chega para dois ao mesmo tempo, há de chegar passada uma hora!

SATANÁS – Não! Não! Sempre tive, tenho e terei medo de mulheres. É para mim o objeto de mais perigo que o ... Ah! não digo! Mas fique certo que...sim!

MICAELA – Passem bem! Passem bem, meus Srs.! (*Retirando-se com a frente para ambos, e entrando em um dos quartos.*)

BRÁS (*fazendo um cumprimento, e seguindo-a*)- Então já vai? Não acha cedo? Eu... sim; mas... Vamos juntos! (*Enfia-se pela porta, atrás de Micaela.*)

SATANÁS (*pondo as mãos*) – Céus! Meu Deus! Que imoralidade! Deixar a minha presença, e a minha visita, e meterem-se em quarto... em um quarto em presença... É audácia! É atrevimento! Mas eu os hei de compor! (*Puxa a porta e fecha por fora.*) Agora hão de sair, quando eu estiver cansado – de comer, de dormir, e de viver! Já se vê pois que aí têm de morrer, se algém os não acudir, e secos como uma varinha de...como um palito! Porque já se sabe: eu cá hei de durar pelo menos cem anos! Ou o que é mais certo- não morro mais! (*Metendo a chave na algibeira.*) Cá vai! Vou dar meu passeio, e não sei se cá voltarei mais! (*Chegando-se para perto da porta do quarto:*) Adeus, minhas encomendas! Adeus, minhas venturas! Adeus! Adeus! (*Sai.*)

ATO SEGUNDO

BRÁS (*batendo na porta; fazendo esforço para abrir; gritando*)- Satanás! Satanás! Ó Diabo! trancaste-me a porta!? Judeus! Que é isto, ó Diabo! Abre-me a porta, senão te engulo! Não falas!? Querem ver que este demônio trancou-me a porta e foi-se embora!? Tirano! Deixa estar que tu me pagas. Hei de perseguir-te até os infernos!

MICAELA – Sr. Brás. Não se aflija! Não se incomode! Deixa estar que tudo se há de arranjar! Olhe! Veja! Pense! Medite, e não fale!

BRÁS (*gritando*) – Como diabo não hei de falar e me incomodar, se o Satanás trancou-me a porta? (*Para Micaela:*) Mulher, puxa daí, que eu puxo daqui! Anda, mulher dos diabos! Faz força, cutia velha! Parece-me que já não vales mais nada! Olha, e faz como eu!

MICAELA – Estou ajudando-o a bem morrer! Que mais quer!?

BRÁS (*tanto puxa, que cai no cenário com Micaela e a porta. Levantando-se, para Micaela*) – Quase quebrei a cuia! Mas ao menos não fiquei enterrado! Que Dizes? Levanta-te, não tenhas preguiça!

MICAELA – Não posso! Estou... ai! Penso que... (*esfregando uma perna*) eta perna se não está quebrada, está esfolada!

BRÁS – Pois quem te mandou cair junto comigo!? Eu não te disse que segurasse a porta!? Agora levanta-te; quer possas, quer não! (*Pegando-lhe em uma mão.*) Vá! Arriba! Arriba!

MICAELA – Ai! ai! Não posso mais!

BRÁS (*atirando-a*) – Pois vai-te com a porta, e com todos os diabos que saírem hoje dos infernos! Micaela (*levantando-se com muito custo*) – Ai! Além de ajudá-lo a abrir a porta, e de cair com ele, mas esta crueldade! Atira comigo... esmaga-me... (*Endireita a cabeleira na cabeça.*) Rasgou-me o vestido de que eu mais gostava, com modos brutais! Quase pôs-me nua. Que crueldade! (*levantando-se, compõe o xale.*) Muito sofre quem ama!

FERRABRÁS (*entrando a manejar com uma bengala, vestido muito à pelintra*) – Oh! Hoje, sim! O dia foi grande! Grande! Muito grande para mim ! Vi a minha namorada da Rua dos Andradas! A minha amiguinha do Beco do Botabica! A minha queridinha da Travessa da Candelária! Vi, vi, vi, que mais? Ah! a minha tia avó (*dando uma grande gargalhada*), e em visitas aos velhos tortos, aleijados! Etc. etc.

BRÁS – Oh! Rapaz! Quando tomarás tu juízo!? Cada vez ficas pior! Anda para ali; anda! Toma a bênção à tua mãe.

FERRABRÁS – Ora, meu pai, sempre o Sr. me está dando mães! Há três dias era uma velha de que todos têm nojo, porque lhe sai tabaco pelas fossas, mormente pelos ouvidos, pela boca, e até pelos olhos! Ontem era uma torta deste olho; aleijada desta perna (*batendo com a bengala na perna direita do pai.*)

BRÁS – Mais devagar com os teus exemplos, que estas pernas já são – o Sr. sabe- algum tanto velhas e cansadas!

FERRABRÁS – Senhor! Dizia eu que ontem era uma velha nestas agradabilíssimas

condições, e hoje quer que eu tome a benção desta tagarela (*puxa-lhe pelo xale e quase o tira do pescoço.*)

MICAELA – Mais prudência, Sr. Dr.! Olhe que não estou acostumada a estes insultos!

Pilha-me abatida, senão o Sr. não ousaria insultar-me, porque eu ainda teria mãos!

FERRABRÁS – Olhem; olhem que jóia!

BRÁS (*muito zangado*)- Este rapaz não toma mais caminho! Cada vez fica mais tolo, mais estonteado, e mais surdo! Vai, vai! (*empurrando-o*) Vai procurar outro pai! Eu não te quero mais por filho!

FERRABRÁS – Pois meu pai, o Sr. é que tem a culpa. Apresenta-me (*tira-lhe a cabeleira e atira-a no chão*) com esta cabeça rapada para minha mãe, como se eu fora alguma criança! Que quer que eu lhe faça!?

MICAELA (*atirando-lhe com a cabeleira à cara*) – Eu não o posso mais aturar, Sr.. atrevido!

FERRABRÁS – Olhe que lhe dou com a bengala!

BRÁS – Acomodem-se! Senão eu lhe dou um cachaço!

(*Micaela avança à bengala, toma-a de Ferrabrás e dá-lhe uma bengalada; trava-se uma peleja entre ambos; dando-lhe este com a cabeleira pelo rosto. Brás mete-se entre ambos para apartar a briga, apanha e dá pancadas, e nesta luta termina a comédia.*)

Porto Alegre, junho 10 de 1866.

(Escusado é dizer que nada devem poupar os cômicos para tornar mais interessante e agradável o gracejo.)

Note-se – podem começar a cena os três últimos, dando alguns saltos, proferindo palavras sem nexos ao discurso, mostrando a respeito de Brás algum desatinamento, e retirarem-se ao aparecer ou sentirem o rumor da vinda daquele.

FIM